

Pioneiras na força policial mexicana, as protagonistas de *Mulheres de azul* lidam com conflitos pessoais e acontecimentos políticos dos anos 1970 em nova temporada

POR ISABELA BERROGAIN

Quando estava na faculdade, Fernando Rovzar foi profundamente marcado pela fala de um de seus professores: “Filmes contam histórias, enquanto séries contam as histórias dos personagens”. Por isso, quando entrou em contato com a trajetória das primeiras mulheres a se tornarem policiais no México, o diretor sabia que não poderia contá-la em apenas duas horas. Assim surgiu *Mulheres de azul*, série da Apple TV que chega à 2ª temporada e narra a jornada de quatro pioneiras da força policial mexicana em busca de crescimento pessoal e mudança social na realidade patriarcal dos anos 1970.

Baseada em acontecimentos reais, uma história que tem como pilar o empoderamento feminino ser criada por uma dupla de homens pode, à primeira vista, causar estranhamento. No entanto, Fernando conta que as protagonistas da produção mexicana — Bárbara Mori, Ximena Sariñana, Natalia Téllez e Amorita Rasgado — foram essenciais para a criação do enredo. “Quando elas foram selecionadas para o elenco, eu ainda não tinha terminado de escrever o roteiro, então pude conversar bastante com elas sobre as personagens. Ouvi os relatos pessoais de cada uma e incorporei elementos de suas vidas à ficção”, explica.

Apesar de ter à disposição uma sala de roteiro repleta de homens e mulheres experientes, Fernando deu prioridade àquelas que dão voz às personagens. “Foi incrível ouvir o que elas tinham a dizer. Isso promoveu um ambiente muito mais colaborativo, nos afastando da dinâmica de ‘eu mando e você faz’ e nos aproximando de uma abordagem ‘fazemos tudo juntos’”, relata o showrunner de *Mulheres de azul*.

Entre os episódios da 2ª temporada, Fernando destaca o crescimento da protagonista María, agora tenente da polícia. “Acredito que a evolução dela consiste, principalmente, em se libertar das ideias que a sociedade lhe impôs sobre como ela deveria ser, falar, viver e se comportar. Ao final da 1ª temporada, ela decide deixar essas noções preconcebidas para trás e embarcar em uma jornada para descobrir quem realmente é”, resume o diretor. A personagem é interpretada por Bárbara, a eterna Rubi, e também esposa do showrunner.



Desenvolvimento de María, personagem de Bárbara Mori, é um dos destaques da temporada

Assim na ficção como na vida

Para ele, a atriz passou por algo semelhante na vida pessoal, justamente após o fim da novela mexicana que fez um sucesso estrondoso em 2004. “Ela também viveu um momento de despertar, no qual decidiu que parte de si permaneceria ligada àquilo e que parte seguiria uma direção diferente. Ela iniciou, de certa forma, uma busca pela sua própria voz, o que acredito que realmente me ajudou a moldar a personagem María”, revela Fernando. No Brasil, Rubi já foi exibida cinco vezes pelo SBT — a mais recente ocorreu no início deste ano. “A María certamente passou por uma bela evolução”,

concorda a atriz. “Na primeira temporada, ela começou como uma mulher que vivia para os outros e para atender a expectativas, tentando ser a mãe e a esposa perfeitas e cumprindo todos os papéis que a sociedade esperava dela, com base na sua própria compreensão. Mas, ao entrar na polícia, ela descobre que também pode ser uma grande investigadora, que pode confiar nas suas decisões e que o seu valor não depende da aprovação dos outros”, declara a protagonista.

Bárbara afirma que participar da série tem sido uma jornada “verdadeiramente linda”, especialmente nesta 2ª temporada, que traz um desafio significativo para ela. “Até que ponto vivemos para fazer os outros felizes e em que momento começamos a ouvir verdadeiramente a nossa voz interior para que nós possamos ser felizes? Precisamos levar essa conversa a público, não apenas para a sociedade mexicana, mas para o mundo todo”, incentiva a artista.

A atriz, que foi abusada pelo pai durante a infância, diz que cresceu à espera de uma validação externa. “Tentava encontrar um espaço seguro dentro dos moldes que a sociedade me permitia. Passei muito tempo tentando me encaixar”, lamenta a mexicana. “É por isso